

Com as sirenes rasgando os ares (ou passei a ser uma criminosa de alto coturno, ou então eles — são quase dez da noite — apenas estão com pressa de regressar a casa), percorremos a cidade, que me parece mais sumptuosa e imensa.

A proximidade daqueles *carabinieri* de corpos prontos a saltar de repente, já só aspirando à sua vida privada, alivia o nó de tensão que, percebo agora, era tão-só o medo da força física deles. Houve uma outra vez em que experimentei o terror de estar entre homens hostis. A pouca segurança que a mulher julga ter, toda a superioridade que por vezes te dá um amante, o amigo, o filho desaparecem perante a inferioridade muscular — simplesmente muscular — sentida no meio de dois ou três homens que já não precisam de fingir respeito, admiração e pena porque és mulher e mais fraca do que eles.

Vi-me uma outra vez numa situação idêntica, e foi sob o jugo dos alemães. Como pude esquecer o silêncio ameaçador que pairava no espaço acanhado de uma viatura como esta, o cheiro acre do tecido das suas fardas, misturado com o aroma metálico das fivelas, dos botões... Era difícil associar estes *carabinieri* aos alemães: não usam farda.

Transposto o grande portão verde sombrio, retiram-me da viatura com leves empurrões indiferentes, depositando-me como um mísero embrulho sob o olhar de duas mulherzinhas sorridentes e miseráveis nas suas batas azuis largueironas e informes de contínuas de escola primária. Por fim, os passos pesados daqueles homens afastam-se,

retumbantes, na grande entrada vazia e encaminham-se para a saída. Estou entre mulheres. É provável que este pensamento me faça sorrir, e o meu sorriso embaraça a mulherzinha de bata azul largueirona de contínua de escola primária que, com gestos vacilantes de pássaro faminto, me revista meticulosamente a mala. Não devo sorrir, atrapalho-lhe o trabalho. Um trabalho duro, diz-me com o olhar, enquanto a outra, de formas mais cheias, me intima:

— Vá, vá, dispa-se! Tem de tirar tudo. E tudo é mesmo tudo!

Nas mãos delas, a minha roupa é revistada com uma solenidade impressionante. Depois mandam-me afastar as pernas flectindo os joelhos, e compreendo: é por causa da droga, poderia tê-la escondida na vagina.

— Não me diga, usa peruca? Tem um cabelo tão bonito: Teresa, vem cá ver... — Teresa é o primeiro nome próprio feminino que ouço em vez de «Sargento, dê entrada dela!... Chame-me o primeiro-sargento Mancuso. Às ordens, meu capitão!», etcétera.

Quem me examina são pessoas, e não agentes desprovidos de emoções como até então me tinham parecido aqueles curiosos cabides sumariamente vestidos e que dir-se-iam suspensos sob a luz incerta do grande compartimento vazio. Enquanto Teresa me puxa o cabelo ao de leve e diz: «Não, não, é verdadeiro», volto a vestir-me à pressa, subitamente intimidada, como no primeiro dia de escola diante da professora (sinto o meu corpo de novo criança inteiriçar-se, desajeitado, em posição de sentido).

Porquê esta sensação pueril? Agora já não tenho medo físico. Podia, com as costas da mão, derrubar ambas num abrir e fechar de olhos. A resposta chega de imediato quando, ladeada pelas duas contínuas, me é ordenado que avance. Como outrora, apodera-se de mim o sentimento de pânico

por ter de entrar num lugar misterioso e poderoso, acerca do qual nada sei e onde doravante nada mais dependerá da minha vontade.

Com efeito, o longo corredor largo e baixo, iluminado a cada dez, quinze metros por frouxas lâmpadas esverdeadas, é tão novo para as minhas emoções habituais que por um instante recuo. As duas mulheres também se detêm e olham-me fixamente, e o seu olhar diz: não podes senão seguir-nos.

Estas áleas de imersão na pena são de uma perfeição gélida. Uma longa galeria desce, inexorável, para o fundo, sem um apoio para as mãos da fantasia a que possamos agarrar-nos. Após o primeiro corredor, virando à direita, continua-se a descer, sempre a descer. Sentimo-nos afundar a cada passo, e já não poderemos voltar a ser como antes. Estes caminhos subterrâneos falam de morte e conduzem a túmulos. Com efeito, segundo a lei dos homens, uma das tuas maneiras de ser foi reprovada, o teu registo criminal manchado, as mãos borradas pela tinta das impressões digitais: a pessoa que eras morreu socialmente para sempre.

Prosseguindo com passo desenvolto (já é noite, também as guardas têm pressa), a primeira coisa que o instinto te sugere, tal como na escola, é: nunca irritar os superiores. A autodegradação gerada pela longa descida e, em seguida, pela passagem por um grande cancelo, e depois, ainda — cada vez mais em baixo —, pela visão de uma dezena de pequenas portas metálicas trancadas ao redor de uma praceta escura é tão poderosa, que me surge como uma espécie de prazer a que podemos abandonar-nos para pôr fim às minúsculas angústias da vida, aos dilemas éticos, ao orgulho, à respeitabilidade.

Diante de uma dessas pequenas portas de ferro, compacta e sólida, as duas mulheres detêm-se. Uma delas tira as chaves da grande algibeira deformada e prepara-se para

abrir a porta. É um gesto que vem de longe, que evoca lembranças ancestrais: convento, segredo, capela mortuária, o quarto escuro onde te fechavam em criança.

Sobem-me arrepios de frio aos tornozelos. Lá fora estava ameno. O vento quente do Outono romano, folgazão, dançava nas ruas, nas praças, em volta das colunatas. Um vento ainda tímido, respeitador das grandes folhas dos plátanos. Manter-se-á semanas a fio. Depois, bruscamente, o sopro leve de Outubro tornar-se-á cortante, e um mar de folhas oxidadas invadirá a grande avenida em frente da minha casa. Mas o tempo não é propício a recordações.

A pequena porta aberta espera à minha frente, o frio dos tornozelos invadiu-me agora o corpo todo, e, com uma voz de menina assustada (ou de mendiga?) que não reconheço, ouço-me dizer, ofegante:

— Não tendes nada que se coma, por favor? Desde manhã que...

— É tarde, mas vou ver. Agora entre, vou já ver.

Uma vez lá dentro, não ousou olhar para o lugar que as mulheres abriram e depois fecharam atrás de mim com um barulho metálico tão forte que fez estremecer todas aquelas trevas mortas. Viro-me bruscamente, com as palmas das mãos na direcção da porta trancada. À altura da cara, encontro o quadrado com grades metálicas, a única fenda sempre aberta no «tudo fechado» de todas as celas conhecidas dos livros, das narrativas, dos filmes: o símbolo de isolamento que todos conhecemos e que por vezes reaparece nos sonhos. O postigo está à altura da minha cara, aproximo-me até quase lhe tocar e olho para o exterior: não se vê nada na penumbra, excepto, à minha frente, outra porta, fechada. Talvez o meu corpo ali tivesse permanecido para sempre como uma pedra se um grito inumano (reconheço a custo um timbre

feminino) não incendiasse o silêncio como um raio, fazendo vibrar a escuridão. Fico à espera, ansiosa, que o grito regresse, mas nada, tudo voltou ao mesmo naquela imobilidade antinatural, como se o grito nunca se tivesse feito ouvir. O que aterroriza neste conjunto de celas é o carácter antinatural do seu silêncio.

Não raro desejamos silêncio, mas o da vida é sempre sonoro, mesmo no campo, à beira-mar, mesmo quando fechados no nosso quarto. Aqui onde estou, o não-barulho foi concebido para aterrorizar o espírito, que se sente coberto de areia como num sepulcro. Sem me dar conta, agarrei-me às grades; só reparo quando o rosto da mulherzinha com pescoço de ave esfomeada e olhar lacrimajante se apresenta à minha frente e me sussurra:

- Como se sente, senhora?
- Bem, obrigada.
- Aqui tem, foi o que conseguimos encontrar.

Não diz boa-noite porque talvez já tenha infringido muitas regras ao trazer-me alguma coisa e dirigir-me a palavra. Deve ser por isso que foge, desaparecendo da minha vista como um fantasma reabsorvido pela mesma escuridão que o havia materializado.

Ao contacto com o pão, a fome torna-se mais forte, o que me dá a ousadia de me voltar para trás e enfrentar o lugar onde vou estar... Não devo pensar no tempo que ali vou passar. Viro o olhar apenas para a direita, onde adivinho que esteja o catre. Fixando-o só a ele, sento-me: tenho pão e um tomate nas mãos. Como devagar, para que dure o mais possível. Enquanto como, a tensão alivia-se e, quando termino, procuro, escrutinando o menos possível à minha volta, enfiar-me debaixo de uma manta áspera ao tacto.

Não preciso de a ver, basta-me cheirá-la quando a puxo para cima até ao queixo. É o suficiente para desencadear

um desfile de imagens insuportáveis. Tenho de ser capaz de refrear a imaginação e ater-me tão-só aos gestos e aos pensamentos que possam ajudar-me a superar tudo com o menor sofrimento. Não mergulhar no sofrimento, outra tentação quase voluptuosa em comparação com a solidão que se sente à volta, mas que conduz ao grito ouvido há pouco. A verdade é que também havia volúpia nesse grito.

Refrrear a imaginação. Repito esta frase na minha cabeça, como no tempo da escola quando se decorava um poema que não se compreendia. Eu, que fiz da imaginação um instrumento, que toda a vida a estudei para a aguçar, libertar, tornar o mais ágil possível, vejo-me agora a ter de a matar como se faria ao pior dos inimigos. E, no entanto, é assim. Doravante ela pode ser-me nefasta.

Ainda agora, que libertei o espírito para teorizações abstractas e me transportei com elas para fora deste lugar, o bradar de um «Quero sair! Vou matar-me, quero sair!» transtorna-me de tal modo que me sento bruscamente, possuída por um pânico pior do que antes. Não, digo a mim mesma em voz alta, de hoje em diante a imaginação é minha inimiga.

Fixo o olhar na luz do tecto que, não vale a pena iludir-me, certamente ficará acesa toda a noite. Ao entrar, a cela pareceu-me muito escura, como é lógico, mas agora é como se um sol se tivesse acendido à minha frente, um sol imóvel, funesto, que reabre as pálpebras já demasiado cansadas para não desejarem fechar-se. Se tivesse a *écharpe*, poderia atá-la à volta dos olhos, como faço quando estou em viagem, mas — como é sabido — tudo, excepto o indispensável para te tapares, te é retirado ao entrares aqui. Pensei que me dariam uma farda quando me despiram para me revistarem, mas deixaram-me com a minha roupa. Talvez amanhã.